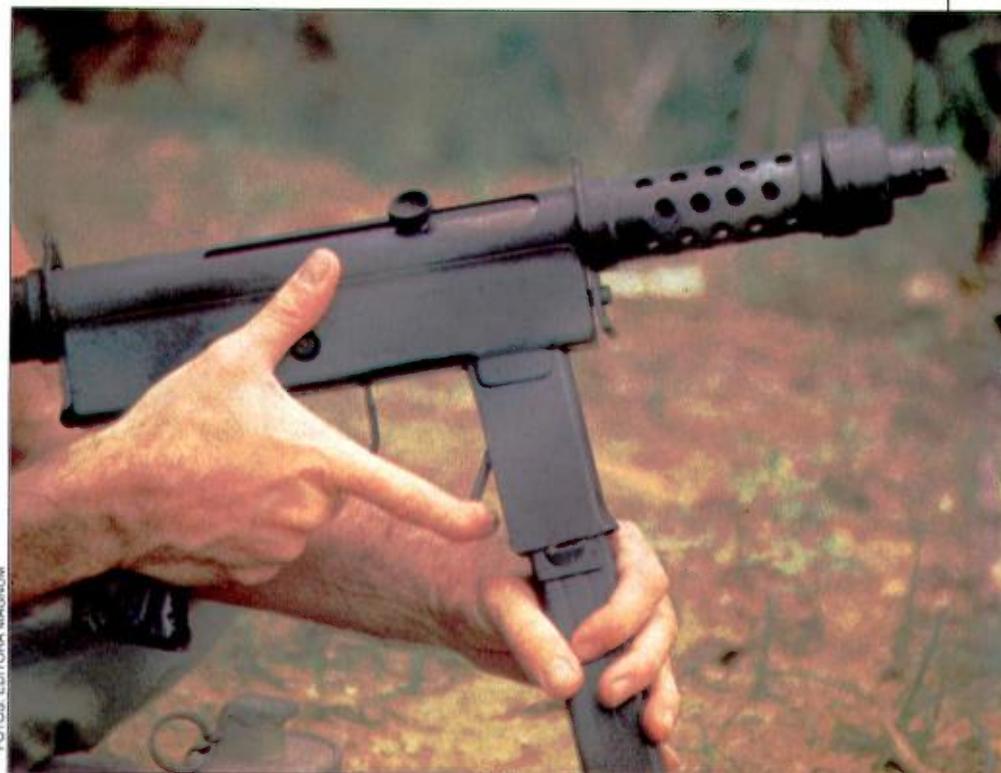


sa do alemão Kraus von Klitzeng, Prêmio Nobel de Física, Grivickas investiga as propriedades de materiais frente à exposição de raios laser. O segredo de seu projeto é trabalhar com medidas ultra-rápidas, o chamado femto-segundo, uma fração de tempo 15 vezes menor do que o segundo. A aplicação prática de seu trabalho a longo prazo é o desenvolvimento de chips mais velozes para computadores. Ele se licenciou da chefia do laboratório de microeletrônica da Universidade de Vilna, a capital da Lituânia. Grivickas admite que está padecendo com o calor brasileiro e assustado ainda com a tentativa de assalto de que foi vítima em São Paulo. Seu plano é ficar seis meses no País. "Quero conhecer o Rio de Janeiro, e gostaria de entender a razão das desigualdades sociais que saltam aos olhos aqui", afirma Grivickas.

**O** professor Valery Shikin, do Instituto de Física de Estados Sólidos em Chernogolovka, um subúrbio de Moscou, ficará apenas três meses. Ele vai reforçar os estudos sobre semicondutores, os materiais que sob determinadas condições, controladas em laboratório, podem transmitir corrente elétrica. Boa parte das pesquisas dos soviéticos relaciona-se à ciência pura sem resposta tecnológica imediata. Mas isso, segundo o diretor Hipólito, é uma questão de tempo. "Ao avançar, a ciência básica oferece aplicações tecnológicas que vão realimentar a ciência pura", diz ele.

A USP contratou para o seu campus da capital o russo Dmitri Gitman, classificado em primeiro lugar em um concurso aberto para preenchimento de uma vaga para professor. Vencedor em prova de títulos, Gitman, originário do Instituto Lebedev de Radioeletrônica de Moscou, divide-se hoje entre a pesquisa da teoria quântica e a orientação de teses de doutoramento, um cargo no qual permanecerá por, no mínimo, três anos. "Fizemos uma opção pela excelência", comemora José Fernando Perez, chefe do departamento de Física Matemática, responsável pela escolha de Gitman entre 30 candidatos.

Na reunião de março do ano passado, o Conselho Universitário da USP aboliu os entraves burocráticos que impediam a contratação definitiva de docentes estrangeiros. Já nas faculdades federais, o regime jurídico da União obriga o pesquisador a naturalizar-se para ser efetivado nos quadros universitários. Caso contrário, poderá trabalhar por um período de apenas quatro anos — uma exigência que poderá atrapalhar os planos do ministro Goldemberg ao mesmo tempo que beneficiará o recrutamento de profissionais no Exterior para as universidades paulistas, que, nesse caso, possuem regulamentos mais flexíveis. ●



FOTOS: EDITORA MAGNUM

## POLÍCIA

# O conto da Uru

*Brasil fabricou e exportou metralhadoras que agora voltam ao País para as mãos de assaltantes de bancos*

LINA DE ALBUQUERQUE

Uma metralhadora brasileira batizada com o nome de uma ave de bico curto que vive em matas fechadas está abastecendo grandes quadrilhas de assaltantes de bancos. A arma nunca chegou a ser comercializada no País. Mesmo assim, lotes de Urus voaram misteriosamente para o mercado negro do Paraguai e da Bolívia e retornaram ao Brasil nas mãos de bandidos. "Somente neste ano apreendemos cerca de 20 exemplares", confirma o delegado Manasses Rodrigues de Carvalho, da Delegacia de Roubo a Bancos de São Paulo. "A Uru tornou-se a arma mais comum desses assaltantes", reforça ele.

Com capacidade de disparar até 750 balas por minuto, a Uru carrega consigo uma história no mínimo nebulosa. Ela foi criada na década de 70 por um integrante do Instituto Militar de Engenharia, o engenheiro Olympio Vieira de Mello. O Exército só aprovou a fabricação em série da Uru, porém, sob a condição de serem incorporadas algumas modificações no seu protótipo, como a redução da cadência de tiros. Com o ob-

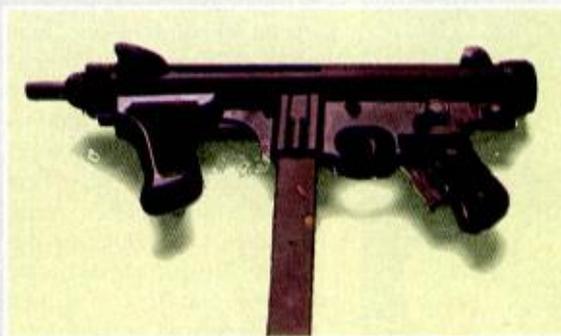
jetivo de comercializá-la, foi montada a firma Mekanika Indústria e Comércio, num pequeno galpão no bairro da Penha, no Rio de Janeiro. A continuação da saga da arma envolve, no entanto, uma sucessão de azares memoráveis.

**O** primeiro deles incidiu sobre a suspeita de que a Uru não era suficientemente segura. Depois de submetê-la a novos testes no campo de Marambaia, no Rio de Janeiro, o Exército exigiu a criação de um dispositivo contra disparos acidentais — uma trava de segurança. A empresa cumpriu a exigência mas não resistiu à concordata, em 1984. Dois anos depois, seu inventor, o engenheiro Mello, morreu. As armas passaram então ao controle do Exército, em Barueri, município da Grande São Paulo. Em seguida, foram transferidas para o depósito da empresa de armas Imbel, em Itajubá, Minas Gerais. Enquanto isso, a Mekanika esperava exportar duas mil Urus para a Bolívia, o Peru e o Canadá.

Não conseguiu. Tentou de novo, em janeiro do ano passado, mas com a guerra

## URU

Foi testada no campo de Marambaia, no Rio de Janeiro, e rejeitada pelo Exército. Tem um mecanismo de funcionamento bastante simples, mas seu frágil sistema de segurança faz com que ela seja de difícil controle quando acionada. É capaz de dar 750 tiros por minuto, pesa 3 quilos e 400 gramas e possui um cano com 17,8 centímetros de comprimento. Já foi apreendida em poder de guerrilheiros do Sendero Luminoso



## MINI UZI

A submetralhadora israelense aparece com frequência em filmes policiais americanos. Com 4 quilos e 300 gramas, pode disparar até 650 tiros por minuto. Seu cano mede 25 centímetros. É utilizada pelo Exército do Brasil e pelas Polícias Civil e Militar

## MT. 12A

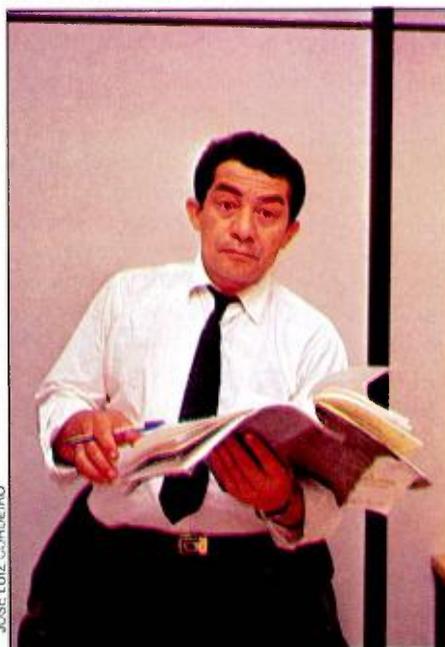
Arma padrão do Exército brasileiro. Fabricada no País pela Taurus, é considerada uma das mais bem-acabadas, chegando a disparar 550 vezes a cada minuto. Tem peso de 3 quilos e 250 gramas e seu cano mede 17,8 centímetros

no golfo Pérsico a exportação de armas foi proibida e os sonhos da Mekanika mais uma vez arquivados. Para completar, a polícia interceptou um caminhão do grupo de guerrilheiros peruanos Sendero Luminoso na rodovia Manaus-Porto Velho que transportava aproximadamente 500 Urus. Não bastasse toda suspeição em relação a essa arma, o mais recente assalto a uma agência do Banco do Brasil, em Cambará, no Paraná, na sexta-feira, 3, ocorreu também sob a mira de uma potente Uru. "Os assaltantes obtêm essas armas por intermédio de traficantes principalmente da Bolívia e do Paraguai", aponta o investigador Carlos Eduardo Seino, da Delegacia de Roubo a Bancos de São Paulo.

Mas como, enfim, esses traficantes se apropriaram de uma arma que nunca chegou a ser comercializada? José Maria de Castro, advogado da Mekanika, hoje de propriedade de Arnaldo Eduardo Guinle, não tem a resposta. "A única coisa que posso dizer é que o Exército adquiriu 850 exemplares e os restantes 7,2 mil fabricados estão num depósito de Itajubá, sob a guarda da Imbel, que é uma entidade idônea", diz ele. Luís Carlos Bitar, diretor comercial da Imbel, afirma, por sua vez, que as armas estão trancadas num local que mantém um sistema de segurança permanente. "Nenhuma delas escapou do nosso controle", assegura Bitar.

O certo é que parte das Urus saiu do Brasil e retornou diretamente às mãos de bandidos. E outra parte teve o mesmo destino sem

nunca ter voado para fora do País. A Uru é uma metralhadora extremamente simples, possível de ser desmontada em menos de um minuto. Ela realiza, no entanto, mais disparos por minuto do que a brasileira MT.12A, fabricada pela Taurus (550 tiros por minuto) e a israelense Mini Uzi (650 tiros), duas das armas usadas pelo Exército brasileiro. Nas mãos de atiradores menos hábeis, essa característica torna-se de fato um problema. A robustez da máquina, por outro lado, permite que ela funcione sob condições extremas de combate. "Ela dá quatro mil tiros sem esquentar o cano e dificilmente quebra quando cai no chão", diz Castro.



Carvalho: 20 apreensões só em 1992

Bonita, a Uru nunca foi. Em termos estéticos, segundo os especialistas, ela deixa muito a desejar para similares como a Mini Uzi – uma máquina que se tornou conhecida pela sua intensa participação em filmes policiais americanos. Beleza, contudo, não é nenhum fator fundamental numa batalha: a Mini Uzi somente funciona como uma espécie de pistola, ou seja, o seu gatilho precisa ser acionado a cada tiro. Se bem que no mercado clandestino já é possível encontrá-la adaptada com um sistema automático de disparo. Já as peças da outra concorrente, a MT.12A, parecem bem melhor assentadas. Na verdade, a Uru é uma metralhadora de mão que tem apenas oito componentes na sua parte interna. Quanto menos peças, pensava o criador Mello, menores as probabilidades de enguiço.

**A** fora todos esses defeitos e qualidades, o motivo determinante do seu sucesso no mercado negro é evidentemente o preço: ela custa aproximadamente US\$ 1,5 mil, cerca de mil dólares menos que a Mini Uzi e a MT.12A. Na opinião de Castro, essa arma de baixo custo e alta potência poderia futuramente ser usada, por exemplo, tanto pelas Polícias Militar e Civil quanto pelo serviço de segurança do Banco do Brasil. Por enquanto a pontaria da Uru está voltada, porém, para um único alvo: ela própria, ou seja, o mistério de seu desvio para o mercado negro, que a consagrou como a arma preferida das quadrilhas de assaltantes de banco.